

MULHERES EM CHEFIAS DE INDÚSTRIAS: HABILIDADES APRENDIDAS OU INATAS?

Fábia A. da Silva Galvane¹

Giovana Ilka J. Salvaro

Adriana Zomer de Moraes

Resumo. A presente pesquisa foi realizada como uma proposta de estudo em Psicologia Social e teve como objetivo geral analisar os sentidos produzidos por mulheres que ocupam cargos de chefia em indústrias de um município do sul de Santa Catarina, Brasil. A aproximação com os sujeitos de pesquisa foi realizada por acessibilidade e as informações foram obtidas por meio de entrevistas semi-estruturadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, segundo Gonzáles Rey (2005), que pressupõe a construção de conhecimento por meio do diálogo entre o pesquisador, sujeitos de pesquisa e as informações obtidas no decorrer do processo. A teoria de base para a compreensão da constituição do sujeito e da subjetividade foi a psicologia sócio histórica de Vygotski. Este estudo possibilitou verificar que os sentidos atribuídos pelas mulheres acerca das atividades que realizam, tanto na esfera pública como na esfera privada, são marcadas por concepções historicamente construídas e naturalizadas.

Palavras-chave: gênero, subjetividade, produção de sentidos, aprendizagem, trabalho.

MUJERES EN LA DIRECCIÓN DE INDÚSTRIAS: ¿HABILIDADES APRENDIDAS O INNATAS?

Resumen. La presente investigación fue realizada como una propuesta de estudio en psicología social y tuvo como objetivo general analizar los sentidos producidos por mujeres que ocupan puestos de dirección en las industrias de una ciudad del sur de Santa Catarina, Brasil. La aproximación con los sujetos de la encuesta fue realizada por accesibilidad y las informaciones fueran obtenidas por medio de entrevistas semiestructuradas. Tratase de una encuesta cualitativa, según Gonzáles Rey (2005), que presupone la construcción de lo conocimiento por medio del diálogo entre el investigador, sujetos de la encuesta y las informaciones obtenidas en el transcurrir del proceso. La teoría utilizada para la comprensión de la constitución de los sujetos y de la subjetividad fue la psicología socio-histórica de Vygotski. Esto estudio ha posibilitado verificar que los sentidos asignados por las mujeres acerca de las actividades que realizan, tanto en la esfera pública como en la esfera privativa, son señaladas por concepciones históricamente construidas y naturalizadas.

Palabras clave: género, subjetividad, producción de sentidos, aprendizaje, trabajo.

¹ Datos de las autoras al final del artículo.

WOMEN IN INDUSTRY MANAGEMENT: LEARNED OR INBORN SKILLS?

Abstract. The present research has been accomplished as a study proposal and aimed to analyze senses of women who are in management positions in industries a town south of Santa Catarina, Brazil. The approach with the subjects of the research was made by accessibility and information was obtained through semi-structured interviews. It's a qualitative research, according to Gonzáles Rey (2005), who presupposes the construction of knowledge through a dialogue among the researcher, subjects of the research and the information obtained during the process. The basic theory to understand the constitution of the subject and the subjectivity was Vygotski's social-historic psychology. This paper enabled the conclusion that the senses assigned by women about the activities they make, publicly or privately, are marked by historically-built and naturalized conceptions.

Key words: gender, subjectivity, production of senses, learning, work.

Introdução

Ao lançar um olhar mais atento ao mundo do trabalho notamos o aumento gradativo da presença feminina neste espaço. No entanto, homens e mulheres ainda são valorizados de forma distinta quando o assunto é trabalho. Muitas vezes, concepções naturalizadas acerca do que é ser homem e mulher são utilizadas para justificar desigualdades sociais, assim como para demarcar espaços de atuação. As características atribuídas a cada atividade são, na maioria das vezes, definidas a partir de habilidades consideradas inatas, ou seja, uma visão de que homens nasceram para tais funções e mulheres nasceram para outras. Tais concepções tendem a desfavorecer as mulheres que, apesar de agregarem funções e ocuparem espaços profissionais historicamente considerados masculinos, podem não ser valorizadas da mesma forma que os homens.

Compreender o trabalho como uma atividade social permite destacar o caráter cultural das concepções que diferenciam trabalho feminino e masculino, evidenciando ainda, a noção de que as habilidades necessárias para a realização desta ou daquela atividade não são naturalmente determinadas pelo sexo, mas são construídas no contato com o mundo concreto. O trabalho, na presente proposta de estudo, é compreendido como uma prática social, permeada por sentidos e significados constituídos socialmente.

É fundamental compreender que a relação gênero-trabalho envolve aspectos que vão além do próprio mercado de trabalho. A participação ativa e crescente da força de trabalho feminina na economia causa alterações em uma rede complexa de relacionamentos. Se ao transformar a realidade social, os indivíduos transformam a si mesmos, a atividade de mulheres em cargos antes improváveis vai transformando o mercado de trabalho e possibilitando a constituição de novas formas de subjetividade. Ao transformar o contexto do mercado de trabalho com sua presença, as mulheres podem transformar a si mesmas, suas expectativas, seus anseios, em uma relação

dialética, cultural e histórica. É importante destacar que, embora, o número de mulheres que desempenham atividades profissionais remuneradas tenha aumentado, em grande medida, as atividades domésticas ainda continuam a ser realizadas por elas.

Este artigo traz uma síntese da pesquisa realizada com mulheres que ocupam cargos de chefia em indústrias de um município do sul de Santa Catarina. Por meio da articulação entre subjetividade, gênero e trabalho, a pesquisa teve como objetivo geral analisar os sentidos produzidos por mulheres que ocupam cargos de chefia. O referencial teórico que orienta a análise articula conhecimentos da psicologia, sociologia e história sobre o tema.

Algumas considerações teóricas

▪ A constituição do sujeito e da subjetividade na psicologia sócio-histórica: contribuições de Vygotski

A psicologia sócio-histórica tem como seu principal fundador Vygotski, seguido por Luria e Leontiev. Conforme Molon (2003), preocupado com as diferenças sociais, Vygotski adentra a psicologia como um crítico, questionador tanto de concepções subjetivistas idealistas, quanto das objetivistas mecanicistas. Embora Vygotski não tenha mencionado, especificamente, a palavra subjetividade em seus trabalhos, sua teoria serviu de norteadora para a discussão de uma nova visão de subjetividade, estabelecida na relação intra e inter sujeitos. “Sua obra apresenta uma contribuição essencial à compreensão da constituição do sujeito e da subjetividade por uma nova possibilidade de entendimento do fenômeno psicológico.” (Molon, 2003, p. 19).

Vygotski se interessou pela constituição dos processos psicológicos superiores, mais precisamente por questões relacionadas ao pensamento e à linguagem. “Vygotski utiliza a expressão ‘funções psicológicas superiores’ para designar as funções caracteristicamente humanas, como pensamento deliberado, a atenção voluntária, a linguagem, as quais se diferenciam das ‘funções psicológicas elementares’, presentes predominantemente nos momentos iniciais do desenvolvimento.” (Zanella, 2001, p. 78).

Este autor tinha o objetivo de compreender como os processos psicológicos mais elementares se tornam complexos a partir do desenvolvimento humano e, para tanto, refutou explicações mecanicistas baseados em estímulo-resposta, assim como aquelas que consideravam a aquisição destes processos refinados como uma simples maturação biológica. “Nossa preocupação primeira é descrever e especificar o desenvolvimento das formas de inteligência prática especificamente humanas.” (Vygotski, 2007, p. 09). De forma crítica, Vygotski introduz na psicologia a importância da relação com o mundo e com os outros na constituição de si mesmo, fato que até então não havia ocorrido.

Vygotski, assim como outros autores de sua época, viu no marxismo a possibilidade de romper com concepções reducionistas e inserir a noção de um sujeito

que participa ativamente na construção de cultura e história, dessa forma, da construção de si. A teoria marxista, segundo Zanella (2001), possui três pontos fundamentais no que se refere à ação do homem na natureza: a ação é sempre voltada a um objeto; é mediada por instrumentos; é produtora de cultura que consiste na objetivação do próprio sujeito. Estes três pontos, de acordo com a autora, foram brilhantemente apropriados por Vygotski e utilizados para compreender os processos psicológicos superiores como produto da história e da cultura. A questão do uso de instrumentos de mediação, fundamental nas concepções de Vygotski, enfatiza o caráter dialético da relação entre subjetividade e objetividade, sendo que, ao inferir na natureza transformando-a, os indivíduos transformam a si mesmos, criando novas formas de interação com o meio e como os outros.

Os instrumentos mediadores a que se refere Vygotski são por sua vez produtos da atividade social humana, historicamente construídos. Com essa condição entende-se que os mesmos não são herdados, mas ativamente tornados próprios por cada novo integrante da cultura através das relações que estabelece com os muitos outros com os quais convive. (Zanella, 2001, p. 76).

Os instrumentos são considerados físicos quando utilizados para mediar a atividade do homem voltada a transformação da natureza, e representacional (signos), quando utilizados para mediar atividades dos homens com os outros e consigo mesmo. Dessa forma, a ação humana que transforma o mundo concreto transforma também o próprio sujeito, (re)produzindo sentidos e significados de sua cultura. Segundo Vygotski (2007, p.53), “como já analisamos, a analogia entre signo e instrumentos repousa na função mediadora que os caracteriza”. Os signos são constituídos na/pela cultura, em determinado contexto histórico e são transmitidos em forma de valores, de crenças, de regras de comportamentos que determinam as concepções de mundo e de homem. “Essa análise fornece uma base sólida para que se designe o uso de signos à categoria de atividade mediada, uma vez que a essência do seu uso consiste em os homens afetarem o seu comportamento através dos signos.” (Vygotski, 2007, p. 54).

O processo de apropriação da realidade é realizado pela relação mediada entre o sujeito e o mundo, possibilitada pelo uso de signos, dentre os quais, a linguagem (privilegiada por Vygotski). A linguagem pode ser compreendida como uma síntese entre o subjetivo e o objetivo, pois é por meio da comunicação que as concepções acerca do mundo e das relações são apropriadas pelos sujeitos. É importante destacar que a realidade apropriada e significada de forma singular pelos sujeitos somente adquire sentido na coletividade, pois são construções possibilitadas pela vivência humana num determinado contexto histórico e cultural.

▪ Gênero e trabalho

As principais discussões a respeito das diferenças entre homens e mulheres são marcadas por concepções que priorizam características biológicas, principalmente

aquelas relacionadas com a reprodução. Dentre os estudos que marcam o início de uma nova forma de compreensão da mulher na sociedade, Lago (1999, p.02) cita os trabalhos de Simone de Beauvoir e de Margareth Mead (antropóloga americana). As reflexões de Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo* (1968), questionam a posição secundária da mulher nas sociedades ocidentais e a determinação biológica imposta às mulheres. Beauvoir é autora da famosa frase: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Conforme Lago (1999), em seu livro “Sexo e Temperamento”, Mead questiona a naturalização dos papéis femininos nas culturas ocidentais modernas e contribui para evidenciar que os papéis sexuais são construídos socialmente.

Ao buscar elementos que justifiquem a submissão da mulher em relação ao homem, Beauvoir (1968) encontra concepções que descrevem a mulher como sujeito determinado pelo sexo. Há uma tendência de explicar o comportamento, as atividades e as relações sociais das mulheres como naturais, determinadas pelo seu sexo, determinadas desde o nascimento e, portanto, imutáveis.

Machos e fêmeas são tipos de indivíduos que, no interior de uma espécie, se diferenciam em vista da reprodução: só os podemos definir correlativamente. Mas é importante observar que o próprio sentido do seccionamento das espécies em dois sexos não é muito claro. (Beauvoir, 1968, p. 26).

O livro de Betty Friedan, publicado em 1971, “Mística Feminina”, também foi considerado uma obra fundamental para as discussões sobre a condição de mulheres na sociedade ocidental, principalmente da mulher americana no período pós-guerra. Friedan (1971) descreve que na metade do século XX, período pós-guerra, houve uma extrema valorização do papel de dona de casa assumido pela mulher americana. Segundo Friedan (1971, p. 20), “sua mais alta ambição, ter cinco filhos e uma bonita casa. Sua única luta, conquistar e prender o marido.” No entanto, as mulheres compartilhavam, silenciosamente, um “problema sem nome”, uma insatisfação da qual, nem mesmo a própria mulher se permitia falar.

Os trabalhos de Simone de Beauvoir e de Betty Friedan inspiraram os movimentos feministas na metade do século XX, denominado como “feminismo de segunda onda”. A historiadora Joana Pedro (2005) descreve que o feminismo sofreu algumas modificações no decorrer dos anos. Ela destaca duas principais “ondas feministas”: igualdade orienta as reivindicações do feminismo de “primeira onda”; e diferença orienta o feminismo de “segunda onda”. “...As igualitaristas reivindicavam que as mulheres participassem em igualdade de condições com os homens na esfera pública, as ‘diferencialistas’ preconizavam a ‘feminização do mundo’...” (Joana Pedro, 2005, p. 81).

Como observou Joana Pedro (2005), nos trabalhos de Beauvoir e Friedan, que marcaram o início da “segunda onda” do feminismo, a palavra gênero ainda não era referida, utilizava-se a categoria “mulher” e “mulheres”, como forma de se contrapor à palavra homem. “Foi justamente na chamada “segunda onda” que a categoria “gênero”

foi criada, como tributária das lutas do feminismo e do movimento de mulheres” (Joana Pedro, 2005, p. 79). A categoria gênero propõe a compreensão de que as diferenças entre homens e mulheres são constituídas na cultura. “... no movimento feminista, foi do interior da categoria mulheres que surgiu a categoria gênero, foi também entre as historiadoras que estavam escrevendo sobre a história das mulheres que a categoria gênero passou a ser utilizada.” (Joana Pedro, 2005, p. 86).

A emergência do termo gênero, em sua concepção mais recente, foi utilizado pela primeira vez no final do século XX, por feministas que não aceitavam explicações biológicas para a sujeição das mulheres. A historiadora norte-americana Joan Scott (1990), no artigo “Gênero - uma categoria útil de análise histórica”, referência básica para os estudos de gênero no Brasil, descreve que feministas utilizaram esse termo para destacar o caráter social das desigualdades sexuais. “O termo gênero faz parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre as mulheres e os homens.” (Scott, 1990, p. 13).

O grande desafio dos estudos de gênero é superar concepções de uma realidade imutável e, ainda, compreender como os significados produzidos acerca das relações de gênero se concretizam no cenário político, privado, econômico e histórico dos quais os sujeitos participam.

Conceição Nogueira (2001), psicóloga portuguesa, no artigo “Feminismo e discurso do gênero na psicologia social”, observa que desde a antiguidade existem teorias diversas que buscam compreender a mulher, as quais, na sua grande maioria, privilegiam uma visão naturalizada do feminino, associando o comportamento da mulher à capacidade de reprodução. Essa autora afirma que, além da visão naturalizada do feminino, essas teorias inferiorizam a mulher em relação aos homens. Ao atribuir ao feminino uma visão natural e, portanto, imutável, a maioria das concepções reproduziu desigualdades e estagnaram a possibilidade de escapar da subordinação da mulher construída ao longo da história.

Grisci e Lazzarotto (2005) afirmam que a psicologia nem sempre levou em consideração dimensões sociais do trabalho, negligenciando o fato de que, no contexto do trabalho se (re) produzem relações sociais. As autoras destacam que os estudos da psicologia acerca do trabalho, assim como de outras áreas do conhecimento, passaram a valorizar questões de gênero somente a partir de movimentos feministas. A naturalização da divisão sexual do trabalho dificultou produções que questionassem as concepções acerca da força de trabalho feminina.

Para Souza-Lobo (1992), gênero como categoria de análise no trabalho permite não somente questionar o discurso sobre o que é trabalho masculino e feminino, mas permite também compreender a relação de poder entre os sexos no contexto do trabalho. Segundo Saffioti (1992, p. 184), a questão da desigualdade não deve ser compreendida como uma relação hierárquica, pois ela é de fato contraditória, sendo que, as mulheres

possuem, de forma diferente em cada sociedade, certa parcela de poder que lhes permitem “... meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar-gerar espaço nos interstícios da falocracia”. Utilizando-se de um conceito de Engels, Saffioti (1992) destaca que no contexto produtivo não se produzem apenas bens de consumo, mas fundamentalmente se (re)produzem formas de viver, de objetivar as concepções acerca da vida.

Fonseca (1998) esclarece que nas organizações, a relação capital x trabalho reproduz as mesmas desigualdades presenciadas no contexto social entre homens e mulheres. Visibilizar questões de gênero no contexto do trabalho possibilita fugir de modelos imutáveis. Gênero como categoria de análise permite ampliar o leque de discussões a respeito das relações estabelecidas no contexto das organizações e, ainda, possibilita novas formas de se produzir ciência. Nesse sentido, Fonseca (1998) destaca a importância da psicologia (re) significar discursos e práticas, possibilitando a desconstrução de modelos “sexualmente cegos”.

Procedimentos metodológicos

A produção do estudo foi orientada por princípios metodológicos da pesquisa exploratória e, conforme apresenta González Rey (2005), de abordagem qualitativa. Segundo o autor, a construção de conhecimento pressupõe o diálogo entre o pesquisador, sujeitos de pesquisa e as informações obtidas no decorrer do processo. “A pesquisa qualitativa se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto”. (González Rey, 2005, p. 51).

A composição da amostra de pesquisa foi realizada por acessibilidade (Gil, 1999) e os sujeitos de pesquisa foram sete mulheres, com idades entre 28 e 53 anos, que trabalham em indústrias de um município do sul de Santa Catarina. Para a localização dos sujeitos e convite para participação na pesquisa, fomos até a Prefeitura Municipal da cidade com a carta de apresentação e de solicitação das informações necessárias para a realização deste trabalho, os quais foram protocolados sob o número 1345. Realizamos uma pesquisa exploratória para localizar as indústrias e, em seguida, as mulheres em cargos de chefias. Os dados sobre todas as indústrias registradas na prefeitura até o momento desta pesquisa foram arquivados digitalmente. Foram selecionadas para a pesquisa somente as indústrias que possuíam endereço completo, telefone e se encontravam em situação ativa, somando um total de 21. Por telefone, entramos em contato com o setor pessoal de cada indústria para averiguar a existência de mulheres ocupando cargo de chefia. Das 21 indústrias, 07 possuíam mulheres chefes, somando ao todo 08 mulheres, sendo que em uma empresa havia duas mulheres. O contato inicial com as entrevistadas foi realizado por telefone, com o objetivo de esclarecer dados básicos da pesquisa e averiguar a disponibilidade das mesmas para

participarem da pesquisa. A pesquisa foi realizada com 07 das 08 mulheres, pois uma delas se encontrava em licença maternidade. Após o primeiro contato, fizemos outra ligação para as entrevistadas a fim de agendar as datas das entrevistas.

As informações foram obtidas por meio de entrevistas semi-estruturadas. As participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No processo de análise, os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade das mesmas. Os cargos ocupados por elas no momento da entrevista eram: gerente de setor de peças de reposição, gerente administrativo, chefe do setor de expedição, líder de turno de empacotamento, chefe do setor pessoal, chefe de faturamento e chefe do setor financeiro. O tempo de trabalho no atual cargo varia entre cinco e treze anos.

De acordo com a proposta metodológica da pesquisa, o processo de análise envolveu a construção de indicadores e zonas de sentido (González Rey, 2005). As entrevistas foram gravadas em fita cassete e, posteriormente, transcritas na íntegra. A leitura e releitura das mesmas possibilitaram a apreensão de palavras e frases chaves, que foram utilizadas para a construção de indicadores. Conforme González Rey (2005, p.118), “...o desenvolvimento dos indicadores conduz necessariamente ao desenvolvimento de conceitos e categorias novas no curso de uma pesquisa, o que é, talvez, um dos momentos mais criativos e delicados da pesquisa.” Através dos indicadores foi possível desenvolver as categorias de análise. “O desenvolvimento de categorias é um momento essencial no tipo de pesquisa qualitativa que defendemos, pois se afirmamos que a pesquisa representa um processo de constante produção de pensamento, este não pode avançar sem os momentos de integração e generalização que representam as categorias.” (González Rey, 2005, p.119).

Os indicadores produzidos a partir das falas das entrevistadas, em grande medida, apontam para uma naturalização das concepções acerca do trabalho feminino, que sugerem habilidades inatas decorrentes de certa “essência feminina”, em detrimento a habilidades aprendidas. Para auxiliar na compreensão, assim como na integração dos indicadores produzidos, as categorias de análise foram apresentadas de seguinte forma: sobre trajetórias profissionais e marcas do feminino; sentidos atribuídos aos cargos de chefia - mulheres na produção e reprodução de normas de gênero; divisão das atividades domésticas.

Apresentação e análise das categorias

▪ Sobre trajetórias profissionais e marcas do feminino

Ao analisar as entrevistas, pode-se verificar que a trajetória profissional das entrevistadas foi (é) marcada por atividades historicamente consideradas femininas. Embora estas trajetórias profissionais sejam singulares, envolvendo diferentes

atividades e cargos, é possível observar a constante “marca do feminino” das atividades realizadas no contexto doméstico.

Aos nove anos eu era babá, depois fui doméstica ...)hoje aqui eu faço de tudo, eu vendo, atendo telefone, varro, organizo. (Luciana)

Eu comecei aos treze anos. Eu limpava, arquivava e organizava tudo (Neide)

Assim que casei trabalhei um tempo na roça e fazia almoço para os outros ... tentei ser professora, mas não deu certo ... quando comecei aqui, eu era tudo, limpava o galpão, ia ao banco, fazia o café. (Aparecida)

Comecei na agricultura com treze anos ... aí, com dezessete anos fui empacotadora em outra indústria, e depois nesta. (Lúcia).

Souza - Lobo (1991), em seu livro “A classe operária tem dois sexos”, destaca que as atividades desempenhadas por mulheres no mercado de trabalho acabam por reproduzir modelos estabelecidos na esfera doméstica. Assim, as atividades que as mulheres desempenham fora de suas casas, muitas vezes, são prolongamentos das atividades realizadas no contexto doméstico. “As tradições de masculinização e feminização de profissões e tarefas se constituem às vezes por extensão de práticas masculinas e femininas: homens fazem trabalhos que exigem força, mulheres fazem trabalhos que reproduzem tarefas domésticas.” (Souza-Lobo, 1991, p. 152).

Pode-se observar que dentro das organizações existe uma divisão entre atividades desempenhadas por mulheres e por homens, de modo a evidenciar que o “trabalho é generificado”.

Eu tenho que ser responsável e organizada aqui ... tenho que cuidar das coisas. (Gorete).

Aqui, para trabalhar, tem que dar conta de olhar tudo, cuidar do teu e cuidar do dos outros ... ver se está tudo no seu lugar. (Lúcia).

Tem que ser muito organizada aqui ... anoto tudo, organizo ... tem que estar tudo certo, no lugar. (Neide).

Eu sou muito organizada, eu que limpo, que guardo as coisas, varro ... atendo pessoas ... tem que ter bastante disciplina para dar conta (Luciana).

Assim, as atividades que as mulheres desempenham fora de suas casas, muitas vezes, são prolongamentos das atividades realizadas no contexto doméstico. Segundo Vigotski (2007, p. 58), “a internalização de formas culturais de comportamentos envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos”. Os signos são instrumentos culturais que servem de mediadores no processo de apropriação que os sujeitos fazem do mundo material e é utilizado como um regulador do comportamento dos próprios sujeitos. Como afirma Fonseca (2000), ao atuarem no mercado de trabalho, as mulheres se regulam “internamente” de forma a reproduzirem atividades historicamente ligadas ao feminino.

De acordo com Siqueira (2002), as concepções que dividem sexualmente atividades femininas e masculinas não estão presentes somente na materialidade das relações de trabalho, mais principalmente na mente das pessoas.

▪ **Sentidos atribuídos aos cargos de chefia: mulheres na produção e reprodução de normas de gênero**

Segundo Nogueira (2006), teoricamente, assumir posições de poder possibilita que as mulheres construam novas formas de relacionamento no mercado de trabalho, abrindo-se, assim, a possibilidade de novas construções de subjetividade. No entanto, por não refletirem sobre os fenômenos sociais, na prática, as mulheres acabam mantendo os discursos naturalizantes da ideologia dominante. Ao destacarem quais as habilidades necessárias aos cargos que desempenham, as entrevistadas apresentam similitudes. Um fator que merece atenção especial é que as entrevistadas relacionam habilidades profissionais e “essência feminina maternal” (o que diz de certa capacidade inata para “cuidar de”), em detrimento de habilidades produzidas em formações específicas ou treinamentos.

Nem é faculdade que precisa, precisa ter paciência, por isso acho que uma mulher é melhor. (Helena).

Sou bem mãezona com os funcionários. (Neide).

Por cuidar da casa, sou bem jeitosa. Precisa ter jeito neste trabalho. (Aparecida).

Tenho que saber lidar com as pessoas ... entender e se colocar no lugar do outro. (Luciana).

Tem que ter coração para entender os funcionários ... na hora de demitir alguém, eu penso muito na família. (Lúcia)

Tem que ser caprichosa para fazer o que eu faço. (Nara)

Eu ser organizada, responsável e paciente é uma coisa que ajuda bastante no trabalho. (Gorete).

Souza-Lobo (1991) destaca que a naturalização de habilidades femininas no contexto do trabalho corrobora com uma visão de trabalho desqualificado. Outro indicador, construído a partir das entrevistas, demonstram crenças em diferenças “naturais” entre homens e mulheres. As mulheres apresentam suas habilidades profissionais por meio de comparações/diferenciações com as habilidades masculinas.

A mulher planeja e organiza, o homem age no ato. (Luciana).

O homem briga diferente, ele chega e explode. A mulher pensa bem antes ... argumenta. (Neide).

As mulheres são mais fortes, os homens são mais frágeis e reclamam mais. (Aparecida).

Acho que as mulheres são mais responsáveis que os homens ... os homens se comprometem menos, não conseguem fazer o mesmo trabalho durante tanto tempo. (Gorete).

Os homens são mais razão, as mulheres mais coração. (Helena).

Os homens chefes se impõem mais ... os empregados têm mais medo deles. (Lúcia).

Os homens ficam bravos e irritados ... nós argumentamos numa reunião. (Gorete).

A construção de tais “diferenciações” pode ser pensada a partir da trajetória do feminismo. Joana Pedro (2005) descreve que a *segunda onda* do feminismo foi um movimento pelo reconhecimento da diferença entre homens e mulheres. É possível perceber, na fala das entrevistadas, concepções que apontam para o feminismo de segunda onda. Scott (1990) destaca que não é possível explicar as associações feitas ao masculino e ao feminino sem considerarmos os sistemas simbólicos que as constituem.

Além disso, a articulação entre características reconhecidas como femininas e relações de poder pode ser observada nas entrevistas. Habilidades naturalizadas que, segundo autoras como Fonseca (2000), Siqueira (2002) e Souza-Lobo (1991) podem desqualificar o trabalho feminino, estrategicamente, são utilizadas pelas mulheres entrevistadas.

Com nosso jeitinho conseguimos tudo. (Neide).

Os empregados gostam bem mais do meu jeito e fazem tudo que peço com jeitinho. (Luciana).

Até tem homem aqui que é inteligente, mas eu vou com meu jeitinho e acabo conseguindo as coisas. (Gorete).

Eu sei lidar melhor com as pessoas (...) sei a hora certa de pedir (...) isso os homens não entendem. (Helena).

O ideal é deixar que eles pensem que não estou mandando (...) pensem que eu estou pedindo (...) dá certo. (Luciana).

Saffioti (1992) afirma que, mesmo em porções desiguais e de modo diferente para cada cultura, as mulheres exercem poderes e negociam em suas relações. A autora destaca que, embora muitos trabalhos evidenciem a constante subordinação da mulher em relação aos homens nos diversos contextos, isto não ocorre harmoniosamente. As mulheres exercem poderes a fim de alcançarem cada vez mais o reconhecimento de sua cidadania. Assim, ao considerar certas habilidades como inerentes ao feminino, as mulheres acabam utilizando-as como um diferencial importante para barganharem espaço no mercado de trabalho.

A diferença na remuneração entre homens e mulheres, mesmo ocupando os mesmos cargos, realizando as mesmas atividades e trabalhando o mesmo número de

horas, ainda é um obstáculo para as mulheres trabalhadoras. As entrevistadas afirmam que na profissão em que trabalham persistem diferenças salariais entre homens e mulheres.

Com certeza, os homens ganham mais aqui. (Gorete)

Tem bastante diferença... eles chegam depois e já começam ganhando mais. (Helena).

Olha, não tenho acesso às folhas... não sei o quanto cada um ganha ... sei que tem homem que ganha bem mais (Neide).

Ah! Com certeza, eles ganham mais... tem uma mulher que trabalha comigo aqui há anos... se entrar um homem hoje, já ganha mais. (Aparecida).

O homem sempre ganha, eu acho que não devia ser assim... mas o mercado que determina o valor, né? (Luciana).

Não sei se ganham mais porque são homens .. não sei se é isso...)mas eles ganham mais (Lúcia).

No que diz respeito à remuneração, como apresentado por Siqueira (2002), as próprias mulheres consideravam sua renda como um complemento, mesmo quando ganhavam mais que os homens. Dessa forma, quando isso ocorre, é importante destacar que não é apenas o valor monetário que pode colocar a mulher como provedora do lar, mas os sentidos que a mesma atribui ao seu trabalho.

Ainda que as entrevistadas afirmassem que, em relação aos homens, ganham pouco, ressaltam também que suas atividades são valorizadas, principalmente no contexto privado.

Eu valorizo muito onde consegui chegar, não é para qualquer mulher. (Neide).

É difícil achar uma mulher que chega a um cargo de liderança. (Aparecida).

Minha renda faz milagres em casa. (Luciana).

Sem minha renda, nosso nível de vida caí. (Lúcia).

Eu complemento a renda de casa e pago todas as minhas despesas sozinha. (Helena).

A valorização de seu emprego acontece tanto pelo reconhecimento da dificuldade que uma mulher tem em alcançar um cargo de chefia, como também pela contribuição de renda para família. Considerando que, o trabalho doméstico não é reconhecido como produtivo e que, as “donas de casa” não são protegidas e favorecidas pelas leis trabalhistas, sua atuação no mundo do trabalho possibilita uma nova forma de participar da sociedade. Torna-se uma forma de serem reconhecidas como sujeitos participantes da sociedade. Dessa forma, segundo Fonseca (2000), os significados das funções realizadas pelas mulheres não podem ser compreendidos na profissão em si, mas nos sentidos que as mesmas atribuem.

▪ Divisão das atividades domésticas

Se a entrada das mulheres no mercado de trabalho está mudando o cenário econômico mundial, na esfera doméstica as mudanças são mais lentas. As entrevistadas desta pesquisa se colocaram como as principais responsáveis pelas atividades domésticas.

Eu que faço tudo quando chego em casa. (Helena)

Eu acordo às 06h00, boto a roupa na máquina... venho embora ao meio dia, faço almoço, estendo a roupa, lavo a louça e volto para o trabalho... quando chego em casa a noite, passo roupa, varro.... (Aparecida).

Geralmente eu limpo no sábado... dou uma tapeada durante a semana. (Lúcia).

Eu tenho uma diarista duas vezes por semana, mas tudo é comigo... comida, crianças.... (Luciana).

Eu tenho uma “anja da guarda” que vem todos os dias, mas eu que digo o que fazer, compro tudo que falta, cuido das crianças. (Nara).

Eu que faço tudo quando chego do trabalho... pego minha filha na escola, vou para casa... aí tu já viu, às vezes vou até meia noite. (Gorete).

Elas afirmam que os homens têm uma participação muito pequena nas atividades realizadas em casa e acreditam que os homens não possuem habilidades para desempenhar estas atividades.

É, ele deveria me ajudar um pouco mais... tenho que ficar pedindo, aí não gosto, pego e faço de uma vez. (Gorete).

Até ajuda, ainda é pouco... mas eu tenho que mandar tudo. (Lúcia).

Ele não faz nada... ele pensa que a camisa vai voando para o guarda roupas. (Aparecida).

Coitado, é um atrapalhado. Não leva jeito. (Luciana)

O homem não foi treinado para isso. (Neide).

Conforme afirmou Beauvoir (1968), as habilidades atribuídas às mulheres são, na maioria dos estudos relacionados a estas, determinadas pelo seu corpo. Desta forma, o destino da mulher é determinado pela biologia. A mulher, nestas concepções “foi feita” para reprodução e, portanto, para a esfera doméstica. Friedan (1971) destaca que estas ideias foram reforçadas através da reprodução de papéis sociais, que atribuem aos homens à esfera pública e às mulheres a privada. Para a autora, durante muitos anos as mulheres foram educadas para casarem, cuidarem dos filhos e do marido. Essas crenças, transmitidas pelos diversos contextos educacionais nos quais os sujeitos se constituem, fazem parte da forma como compreendem o mundo e a si mesmos. “Deste modo, o que hoje se apresenta é resultado da história dos próprios homens, sendo que estes têm, por sua vez, a responsabilidade de manter ou transformar o contexto no qual se inserem”

(Zanella, 2004, p. 88). Para Vigotsky (2007), o pensamento humano é constituído por meio da participação ativa dos sujeitos na sociedade. A produção de significados e sentidos, portanto, são determinados por configurações sociais das quais os sujeitos participam. Como os sujeitos são determinados, mas também determinantes, podem (re) significar concepções, mudando assim a forma de pensar e agir no mundo.

Algumas considerações finais

A presença constante das mulheres no mercado de trabalho possibilita a consolidação das mesmas como trabalhadoras, fato que é apresentado por autores/as utilizados/as neste trabalho, assim como pelas próprias informações obtidas no decorrer da pesquisa. As conquistas trabalhistas das mulheres no último século foram muitas. No entanto, é possível observar a persistência de desigualdades entre mulheres e homens, tanto na esfera pública como na doméstica. Concepções naturalizadas acerca do feminino e do masculino ainda são utilizadas para estabelecer a divisão sexual do trabalho, e desvalorizar atividades femininas.

A naturalização de habilidades necessárias para desempenhar determinadas funções pode limitar as atividades femininas, quando associam a mulher à maternidade e ao cuidado ao lar. Papéis sociais historicamente constituídos são reproduzidos na esfera do trabalho. A trajetória profissional das mulheres é marcada por atividades que são realizadas também no contexto doméstico. Tais associações foram observadas ao longo da análise das entrevistas, o que evidencia, em grande medida, que os significados em torno do que é ser homem e mulher na sociedade são apropriados e reproduzidos pelos sujeitos de forma a-crítica.

As mulheres entrevistadas nesta pesquisa, de certa forma, relacionam habilidades profissionais e inatas. Esta relação pode desqualificar sua força de trabalho, pois, as habilidades profissionais pensadas desta forma são estabelecidas *a priori*, sem a necessidade de formação técnica. Ao se apropriar dessas concepções, o mercado de trabalho acaba por valorizar de forma desigual o trabalho das mulheres e dos homens, justificando discriminações constituídas historicamente.

Alguns estudos demonstram que, apesar do avanço na qualidade dos serviços realizados por mulheres, as diferenças salariais persistem. No presente estudo, mesmo quando ocupam cargos e trabalham uma carga horária idêntica a dos homens, as mulheres entrevistadas relataram desigualdades salariais.

Apesar das desigualdades, as mulheres entrevistadas afirmam que as atividades que realizam profissionalmente são valorizadas, uma vez que aumentam consideravelmente a renda familiar e possibilitam autonomia pessoal. Assim, a atuação das mulheres no mercado de trabalho se apresenta como uma forma de visibilidade destas como agentes sociais, produtoras de cultura e de história, fato que nem sempre foi considerado.

É importante destacar que, se por um lado, a naturalização das habilidades femininas pode contribuir para desqualificar o próprio trabalho, por outro, são estrategicamente utilizadas pelas mulheres, como algo que as diferencia “naturalmente” dos homens. Dessa forma, características naturalizadas, que reforçam a subordinação das mulheres em relação aos homens, podem ser utilizadas também como uma forma de poder feminino, na tentativa de abrir espaços na dominação masculina.

O trabalho remunerado das mulheres possibilita mudanças no cenário econômico mundial. Estudos mostram que o número de mulheres que se apresentam como principais provedoras de seus lares vêm aumentando gradativamente. Entretanto, as mudanças na esfera doméstica ainda são lentas. Se as mulheres estão participando consideravelmente do aumento da renda familiar por meio do trabalho e da remuneração que recebem, o ideal igualitário na realização das atividades domésticas ainda não se apresenta como uma realidade próxima.

Concepções biologizadas e reforçadas historicamente por diversos sistemas educacionais, colocam as mulheres como as principais responsáveis pelas atividades realizadas no contexto doméstico. Ao não se desvincularem de tais concepções, as mulheres se percebem como principais responsáveis pelos afazeres domésticos, tendo assim suas vidas marcadas pela dupla jornada. Apesar de persistirem as desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho, no contexto doméstico elas se apresentam mais intensas. É na esfera doméstica, entretanto, que as mulheres, através de habilidades consideradas inatas, exercem poderes, evidenciando o caráter contraditório das relações estabelecidas neste contexto.

Assim, se as relações de trabalho vêm sofrendo consideráveis transformações por conta da inserção e atuação das mulheres, as mudanças subjetivas são mais lentas. As crenças acerca do feminino e do masculino foram construídas no decorrer da história e foram transmitidas e reproduzidas nos diversos contextos educacionais nos quais os sujeitos se constituem. Os sujeitos, participantes ativos na construção de cultura e de história, podem (re)significar essas crenças, transformando não somente a realidade concreta, como também e, principalmente, a forma de pensar e de perceberem o mundo, os outros e a si mesmos. É importante destacar que as concepções acerca do que é ser homem e mulher foram (são) produzidas por longos processos históricos e culturais, transformá-las, portanto, não é tarefa fácil.

A realização desta pesquisa permitiu compreender que, apesar das desigualdades ainda presentes, tanto no contexto do trabalho como na esfera doméstica, as mulheres estão conquistando espaços antes inimagináveis. Ao lançar um olhar diferenciado ao mundo do trabalho, pode-se observar que neste contexto se estabelecem relações que extrapolam a produção de bens, sendo que produzem subjetividades. Analisar os sentidos atribuídos pelas mulheres acerca das atividades que realizam permite, não somente compreender suas concepções, mas vislumbrar novas problematizações,

principalmente, no que se refere à reprodução de concepções naturalizadas acerca do feminino e do masculino.

Referências

- Beauvoir, S. (1968). *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Fonseca, T.M. (2000). *Gênero, Subjetividade e Trabalho*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Fonseca, T.M. (1998). As marcas do feminino nas relações de trabalho: colocando algumas questões para discussão. *Ciência e Saúde*, 17 (1), 93-100.
- Friedan, B. (1971). *Mística Feminina*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5ª ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Gonzalez Rey, F.L. (2005). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo, SP: Thomson Learning.
- Gonzalez Rey, F.L. (2005). *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo: Thomson Learning.
- Grisci, C. L. y Lazzarotto, G. R. (2005). Psicologia Social no Trabalho. En M. G. Jacques et. al (Orgs). *Psicologia social contemporânea: livro texto*. (9ª ed.). (pp. 230-240). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Lago, M.C. (1999). Conceituando Gênero. *Curso de Atuação Política para Mulheres: ICESPE*, Florianópolis: SC.
- Molon, S.I. (2003). Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vigotsky. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Nogueira, C. (2001). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. *Cadernos de Pesquisa*, (112), 137-153.
- Nogueira, C. (2001). Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Psicologia e Sociedade*, 13 (1), 107-128.
- Nogueira, M.C. (2006). Os discursos das mulheres em posição de poder. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 9 (2).
- Pedro, J.M. (2005). Traduzindo o debate: uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, 24 (1), 77-98.
- Saffioti, H. (1992). Rearticulando Gênero e Classe social. En A. de Oliveira y C. Bruschini. *Uma Questão de Gênero*. (pp. 183-215) Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas.
- Scott, J. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, 16 (2), 5-22.

- Siqueira, M.J. (2002). Sobre o trabalho das mulheres: contribuições segundo uma analítica de gênero. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalhos\UFSC*, 2 (1), 11-30.
- Souza Lobo, E. (1992). O Trabalho como Linguagem: O Gênero do Trabalho. En A. de Oliveira y C. Bruschini. *Uma Questão de Gênero*. (pp. 253-265) Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas.
- Souza Lobo, E. (1991). *A Classe Operária Tem Dois Sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense.
- Vigotski, L.S. (2007). *A Formação Social da Mente* (7ª ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Zanella, A.V. (2001). *Vygotski: contexto, contribuições à psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal*. Itajaí, SC: Ed. Univali.
- Zanella, A.V. (2004). Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicol. Estu*, 9 (1). Recuperado em 07 de 2008, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100016&lng=&nrm=iso.

Datos de los autores

Fábia A. da Silva Galvane. Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Barriga Verde – UNIBAVE – Orleans – Santa Catarina – Brasil.

Giovana Ilka Jacinto Salvaro. Professora do Curso de Psicologia do UNIBAVE, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa NEAS do UNIBAVE – Orleans – Santa Catarina – Brasil. Contato: ilkajs@terra.com.br.

Adriana Zomer de Moraes. Professora do Curso de Psicologia do UNIBAVE, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa NEAS do UNIBAVE – Orleans – Santa Catarina – Brasil. Contato: azomermoraes@yahoo.com.br.

Fecha de recepción: 10/10/2010

Fecha de revisión: 02/12/2010

Fecha de aceptación: 21/12/2010